

GEOGRAFIA, INSURGÊNCIA E PESQUISA DE UM PONTO DE VISTA HUMANISTA CULTURAL¹

Tiago Vieira Cavalcante²

MATÉRIA DE POESIA É MATÉRIA DE GEOGRAFIA?

Para abordar os temas que dizem respeito a este ensaio – Geografia, Insurgência e Pesquisa – vou primeiro contar uma história que diz muito da maneira como os penso.

Há pouco tempo atrás estive em Curitiba, no Paraná, e lá fui ao Teatro do Sesi (Serviço Social da Indústria), um espaço bem intimista, para assistir a uma peça de nome “Lugar de Ser Inútil”, do grupo de teatro “Olho Rasteiro”. Nela, um ator e uma atriz, inspirados na obra do poeta pantaneiro Manoel de Barros, me lembraram da importância das coisas pequenas, daquelas que passam despercebidas, pois comumente tomadas como inúteis.

Como sou leitor do referido poeta, me tocou quando a atriz pegou uma pequena folha, entre as muitas que estavam espalhadas por todo chão e, olhando profundamente para ela, parecia ter visto o universo. De imediato, naquela expressão, me lembrei dos versos do poeta que tantas vezes li. Para mim,

¹ O presente ensaio tem como base a palestra proferida na Semana de Geografia da Universidade Federal do Ceará (UFC) em maio de 2018.

² Professor Doutor do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará (UFC). tiagocavalcante@ufc.br

✉ Centro de Ciências, Bloco 911. Campus do Pici, Fortaleza, CE. 60440-900.

**... esse olhar da atriz, que
ilustrava o olhar do poeta,
deveria ser também o olhar do
geógrafo.**

Digo isso, porque acho importante pensarmos como Manoel de Barros que, em “Matéria de Poesia”, um de seus poemas, escreveu: “Tudo aquilo que a nossa civilização rejeita, pisa e mijá em cima, serve para poesia” (BARROS, 2015, p. 46). Nós geógrafos, o parafraseando, poderíamos dizer:

**...Tudo aquilo que a nossa civilização
rejeita, pisa e mijá em cima, serve para
geografia.**

Lembremos novamente da peça de teatro, do seu nome: “Lugar de Ser Inútil”. No título estampado nos pôsteres promocionais podemos ler a importância de cada uma das palavras; todas elas estão no mesmo patamar, iniciadas com letra maiúscula; são palavras, portanto, de mesma importância.

**...O lugar não é mais importante que as pessoas que não são
menos importantes que as coisas que muitas vezes dizemos
inúteis.**

Uma imagem talvez apresente a ideia:

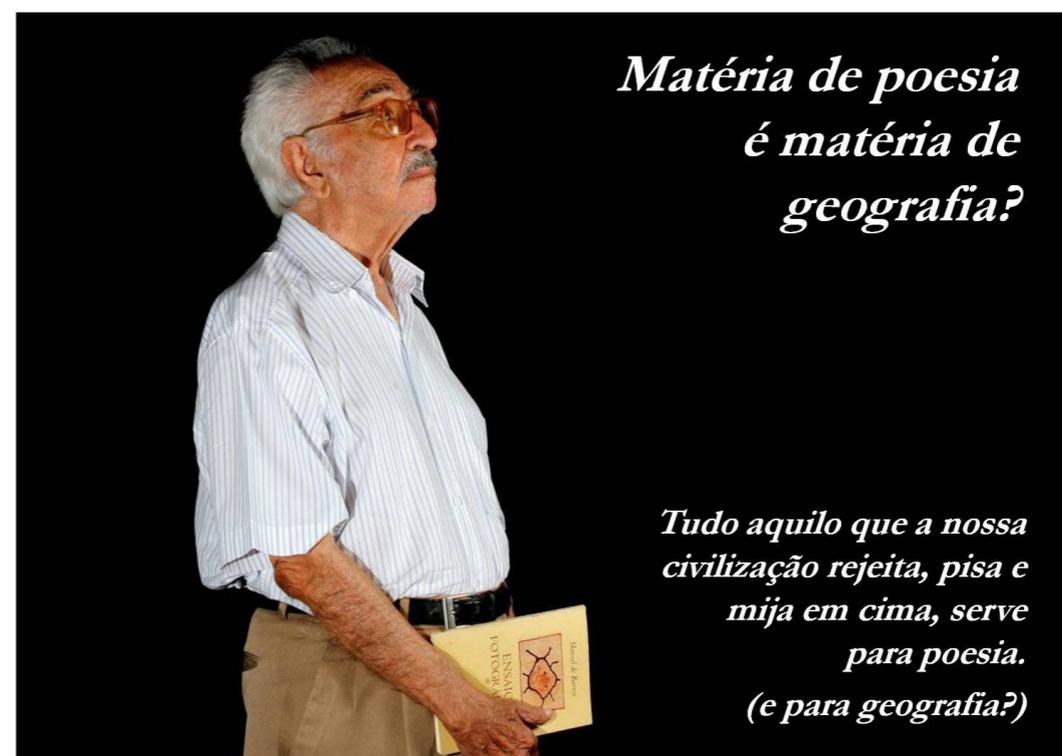


Figura 1 – Manoel de Barros (descrições acrescentadas)
Fonte: Fenske (2020, n.p).

Insurgência
Lugar de Ser Inútil
Geografia Pesquisa

Nas próximas seções associarei Lugar com Geografia, Ser com Insurgência e Inútil com Pesquisa, a partir de um ponto de vista humanista cultural. Vamos ver aonde chegamos. O propósito dessas associações é para pensarmos possíveis caminhos para uma Geografia Humanista Cultural que se pretende, ao mesmo tempo sensível, política e rigorosa, se entendemos o sensível como uma qualidade daquele que ao olhar, repara; o político como a condição do sujeito em relação e; o rigor como a transformação cuidadosa da ideia em palavra.

LUGAR E A GEOGRAFIA

Penso, a partir de Yi-Fu Tuan (1991), **a geografia como o Estudo da Terra como Lar das Pessoas**. Conceituação que tenta esclarecer o quanto a geografia não é um conhecimento alheio ou esotérico, exterior, mas antes uma preocupação humana básica, pois em toda parte as pessoas buscam compreender a natureza de ontem habitam, a natureza de seu lar. Para nós geógrafos esse lar tem que ser muito mais que um cenário natural ou físico e não pode ser limitado ao lugar construído.

Podemos tomar lar por lugar e dizer que é pelo lugar que compreendemos as mais diversas experiências geográficas. O lugar exige uma geografia com “g” minúsculo, geografia em ato, próxima do cotidiano das pessoas. Cotidiano, evidentemente, atravessado pelas redes globais: financeiras, empresariais, políticas, ambientais, culturais, contudo, todas elas reveladas por nossas ações diárias.

Essas experiências têm que ser pensadas por qualquer ponto de vista. David Lowenthal (1985) e Paul Claval (2010) escreveram que todo mundo, de algum modo, é geógrafo. Isto quer dizer que qualquer



Figura 2 – Grafite em muro curitibano. Poeta Paulo Leminski (descrições acrescentadas)
Fonte: T. V. Cavalcante, 2018.

Geografia, insurgência e pesquisa de um ponto de vista humanista cultural
Tiago Vieira Cavalcante

um de nós, de modos bem particulares, tem uma geografia pessoal passível de ser revelada: escritores, pintores, favelados, pescadores, moradores de rua, indígenas, caiçaras, quilombolas, grupos feministas, LGBTQs etc. John K. Wright (2014) chamou isso de geosofia, que significa geografia do conhecimento, isto é, uma geografia feita a partir de qualquer tipo de conhecimento.

A meu ver,

...essa geografia mais sensível, atenta aos mais variados sentidos que as pessoas dão aos seus mundos, é insurgente.

Ela exige uma ontologia geográfica, ou seja, uma compreensão do lugar das pessoas no mundo, o que Eric Dardel (2011, p. 2), chamou de geograficidade, afinal, segundo o referido geógrafo: "O conhecimento geográfico tem por objeto esclarecer esses signos, isso que a Terra revela ao homem sobre sua condição humana e seu destino".

O SER E A INSURGÊNCIA

O problema é que esse elo entre o homem e a Terra é muitas vezes ameaçado, seja pelo Estado, seja pelas empresas que hoje, cada vez mais, controlam e corrompem o Estado, seja também por grupos que amarrados por morais e éticas que só lhes servem, reprimem tudo aquilo que para eles é diferente, esquecendo-se da diversidade, da dinâmica e da fluidez, características essenciais da cultura.

Termos isso em mente é importante, porque ao revelarmos os signos que povoam a Terra, apresentamos a riqueza de suas gentes, a partir da ligação que essas diversas gentes possuem com os seus lugares. São elas que os significam. Se pensarmos fenomenologicamente,

...as pessoas são os lugares.

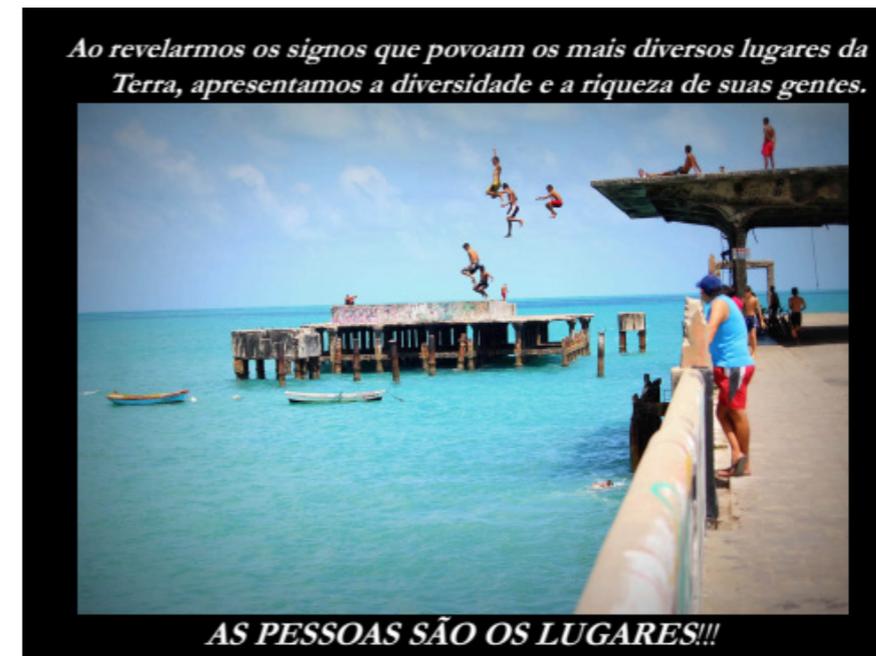


Figura 3 – Ponte Metálica, Poço da Draga, Fortaleza-CE. (descrições acrescentadas)

Fonte: Oliveira; Melo; Boroh (2016, n.p).

...Só cientes da Terra como lugar de nossa existência e destino, dessa intersubjetividade, é que os sujeitos têm condições de insurgir diante de interesses escusos, alheios ao seu modo de vida, ao seu mundo-da-vida.

Trago um primeiro exemplo:

Recentemente visitei com a turma da disciplina Geografia Política, ministrada na UFC (Universidade Federal do Ceará) a comunidade do Poço da Draga, na Praia de Iracema, litoral da cidade de Fortaleza – CE. Levei a turma para esse lugar, porque participo de um projeto de extensão encabeçado pelo Grupo Rastros Urbanos, juntamente com a professora e antropóloga Cristina Silva, do curso de Ciências Sociais da UFC, com o propósito de analisar a relação das pessoas com o lugar a partir de suas fotografias pessoais, aquelas que ainda hoje podem ser encontradas em álbuns de família.

É impressionante a organização política da comunidade, com cabeças atuantes em diversas frentes de resistência. É o caso do responsável que nos levou pelos interstícios do Poço da Draga, o geógrafo Sérgio Rocha, profundo conhecedor do lugar e dos (des)interesses responsáveis da sempre possível e angustiante retirada deles de lá. O Poço da Draga é uma geografia importante para eles, geografia com história. Exemplo disso é, logo no início de nossa caminhada, a conversa rápida com o dono de um mercadinho que já morava ali há mais de 70 anos. São gerações e gerações de pessoas que possuem uma relação próxima, íntima, topifílica, como nos ensinara Tuan (2012), com tudo o que as envolve, como por exemplo, o mar, objeto de desejo dos agentes imobiliários. O problema é que a cidade parece querer os engolir. De um lado o esqueleto daquilo que seria um pretensioso aquário, do outro o Centro Cultural Dragão do Mar de Arte e Cultura, ambas as obras milionárias, enquanto o Poço da Draga não possui nem mesmo saneamento básico.

...Mas o lugar, enquanto tal, porque é parte das pessoas, resiste.

O INÚTIL E A PESQUISA

Agora é a vez do Inútil. Vou lembrar novamente de Manoel de Barros, de outro verso do mesmo poema, “Matéria de Poesia”: “As coisas sem importância são bens para poesia” (BARROS, 2015, p. 47)... E para geografia?

Que é importância? Quem a define? Fiquemos também atentos a isso. Basta que pensemos em quais eram ou são os temas de pesquisa da geografia tradicional, da geografia teórica, da geografia radical, da geografia humanista cultural. Eles mudam, felizmente. Os temas podem até serem os mesmos, mas as abordagens são diferentes. A sociedade caminha e a ciência deve acompanhar esse movimento. O Inútil se torna Útil. Melhor dizendo, muitas vezes

...o Inútil torna-se Útil, porque alguém, em determinado tempo e lugar, diz: Chega de pesquisar isso, vou pesquisar aquilo!

Manoel de Barros fez algo do tipo quando em sua poesia deu brilho à pedra, ao galho, ao sapo, ao cuspe, ao cisco. Essas coisas sem tanta importância. São essas geografias marginais? (KOZEL, 2013).

Aproveito para citar outra experiência pessoal, agora no âmbito da geografia literária.

Ultimamente tenho me interessado pelas possíveis relações entre geografia e literatura. Algumas mais correntes, como a leitura geográfica de textos literários, a geografia pessoal dos escritores, a elaboração de mapas literários ou de cartografias literárias e outras nem tão usuais, talvez uma ampliação do tema geográfico literário, como é o caso das dinâmicas envolvidas aos espaços de leitura. Vou tratar um pouco desse último tema. Sobre este quem me despertou o interesse foi a leitura de dois livros da antropóloga Michèle Petit, “Os Jovens e a Leitura” (PETIT, 2009) e “Leitura: do Espaço Íntimo ao Espaço Público” (PETIT, 2013).

Com a leitura deles vislumbrei a possibilidade de pensar esses espaços em Fortaleza e, vale dizer:

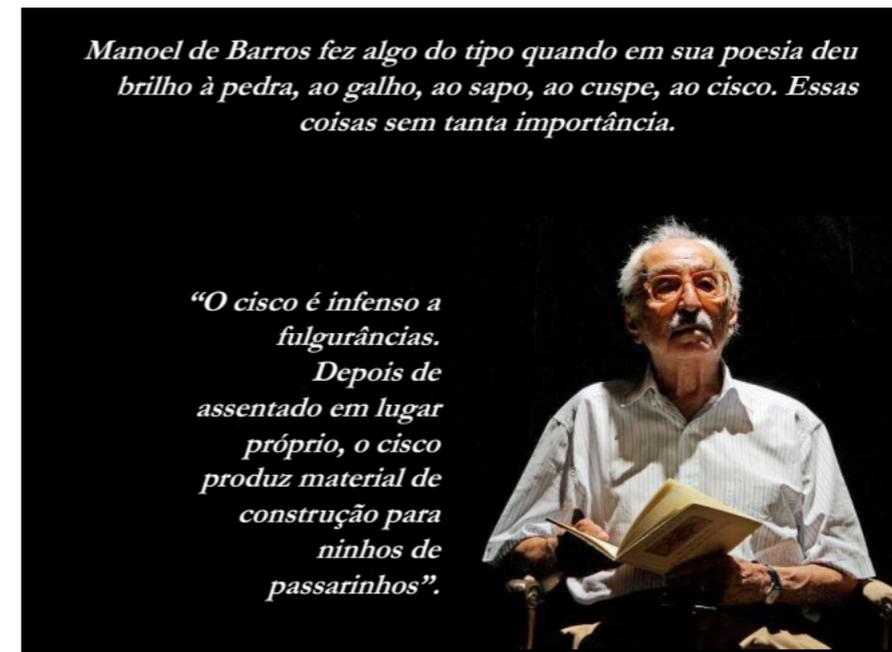


Figura 4 – Manoel de Barros (descrições acrescentadas)
Fonte: Sarack (2018, Online).

...é só quando nos interessamos por algo que esse algo nos aparece com vigor.

A fenomenologia explica isso como a **aparição das coisas à consciência**. Tenho pensado nesses **espaços de leitura como lugares de resistência**, de insurgência, pois a maior parte deles, se não todos, estão localizados em bairros pobres da cidade. São bibliotecas comunitárias que tentam subverter a lógica perversa desses bairros, apresentando mundos possíveis, reais e imaginários, aos seus leitores, tirando-lhes, mesmo que por um instante, do rastro da desigualdade de nossa sociedade, da desigualdade de acessos diversos, inclusive à cultura.

Penso ser importante falar com esses leitores, saber como a literatura os ajuda a ver, pensar e viver o mundo, a reparar no mundo, como ela é capaz de apresentar-lhes geografias possíveis e de (re)escrever suas próprias geografias.

Enfim, o que quis aqui foi apresentar um pouco da geografia que venho pensando e fazendo para que nos instiguemos a (re)descobrir geografias por aí a fora, geografias com mais poesia para a conformação de novos sentimentos de mundo; geografias poéticas, portanto, porque a criatividade é insurgente e política por natureza. Há muito ainda o que ser pesquisado, portanto, precisamos ser criativos, repararmos nas pequenas coisas, além de rigorosos em nossa escritura de mundo, para tanto, eu não poderia deixar de incitar:

...desconfiem daqueles que dizem que alguma coisa, qualquer que seja, não é matéria de geografia. Talvez eles não gostem poesia. ☉



Figura 5 – O que ensina a parede na Biblioteca Comunitária Papoco de Ideias
Fonte: T. V. Cavalcante, 2018.

Geografia, insurgência e pesquisa de um ponto de vista humanista cultural
Tiago Vieira Cavalcante

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. **Meu Quintal é maior do que o mundo** (antologia). Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

CLAVAL, Paul. **Terra dos homens: a geografia**. Trad. Domitila Madureira. São Paulo: Contexto, 2010.

DARDEL, Eric. **O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

FENSKE, Elfi Kürten. Centenário do poeta Manoel de Barros. **Templo Cultural Delfos**, Ano X, n. p., 2020.

KOZEL, Salete. Um panorama sobre as geografias marginais no Brasil. In: HEIDRICH, Álvaro; PIRES, Claudia Luiza Zeferino; COSTA, Benhur Pinós da. (Org.). **Maneiras de ler geografia e cultura**. Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar Cultura, 2013. p. 12-27.

LOWENTHAL, David. **Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica**. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio (Org.). **Perspectivas da geografia**. 2ª ed. São Paulo: DIFEL, 1985. p. 103-141.

OLIVEIRA, Flávia, MELO; Igor de; BOROH, Michele. Da barra ao caça e pesca: você conhece a orla urbana? **Revista Vós**, Fortaleza, 2016.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. 2ª ed. Trad. Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2009.

PETIT, Michèle. **Leituras: do espaço íntimo ao espaço público**. Trad. Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2013.

SARACK, Caio. Poemas de Manoel de Barros são relançados com ilustrações. **Aliás Estadão**, 26 maio, 2018. Disponível em: <https://alias.estadao.com.br/noticias/geral,poemas-de-manoel-de-barros-sao-relancados-com-ilustracoes,70002323125>.

TUAN, Yi-Fu. A view of geography. **Geographical Review**, v. 81, n. 1, p. 99-107, 1991.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Trad. Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

WRIGHT, John K. Terrae incognitae: o lugar da imaginação na Geografia. **Geograficidade**, Niterói, v. 4, n. 2, p. 4-18, Inverno 2014.